

ESPECTRO

Admonet in somnis et turbida terret imago.

Horrido Espectro me atormenta em sonhos

LISBOA 18 DE DEZEMBRO.

« Fallai em tudo verdades

« A quem em tudo as deveis.

Nestas horas sollemnes e tremendas, nestes momentos criticos em que se decide a sorte das nações, nestas crises assustadoras em que ninguem sabe o que será no dia de amanhã é preciso ser franco e leal, é preciso fallar como se estivessemos na presença de Deos a dar-lhe contas de todos os nossos pensamentos e acções.

Portugal está retalhado em bandos — aqui aclama-se o governo de Lisboa, alli a carta e rainha, acolá o proscripto d'Italia. O governo de Lisboa representa uma facção insignificante, devassa e perdida; a junta do Porto representa o paiz em massa, todas as suas illustrações, a reunião das diversas classes, a collecção de todos os grandes interesses; D. Miguel representa o cadaver do velho despotismo com a opa rota e ensanguentada erguendo-se a custo do seu tumulto e agarrando-se á lousa que lhe vai para sempre servir de camp.

O paiz aclama carta e rainha — e a rainha exauthora o paiz. A rainha? não dizemos bem — a cõrte. Respeitemos as ficções, mas lembrem-se que são ficções sómente. A ficção não é a verdade. E essa cõrte, esse ministerio que exauthora o paiz, que manda fusilar os cidadãos que proclamam rainha e carta, esse exercito que se gloria de ter á sua frente um Gotha, os filhos da rainha, os descendentes dos reis, que demonstração de desagrado, que signal de malquerença dão elles contra os que exauthoram a dynastia e as instituições, contra os que proclamam D. Miguel?

Nenhum! A cõrte imbecil, o ministerio corrupto compromettem o throno e a

liberdade. Um valido stulto, um alemão abjecto tem mais consideração que todo um povo. O sangue corre a jorros, e o valido triunfa, e a cõrte applaude; — applaude sim, e applaude a sua morte! Como Izaak leva ás costas o feixe de lenha para o seu proprio sacrificio.

O throno da rainha só póde ser sustentado pelos liberaes: a sua corôa é condicional, segundo a carta. A um throno despotico o direito de D. Miguel é melhor.

Nós aclamando rainha e carta combatemos os miguelistas: — as tropas do commandante em chefe incitam esses miguelistas contra nós! O governo occulta os levantamentos delles, a imprensa ministerial exalta os triunfos que elles obtem!

Cumpre que o ministerio defina a sua posição. A nossa está definida.

No paiz o governo não conta adherentes: a folha official denuncia todos os dias esta verdade — não falla senão na desaparição das forças populares aonde chega uma farda, aonde apparece um soldado!

Pois a popularidade avalia-se pelo numero das fardas? E' constitucional o governo que tem só o apoio dos soldados? Em que conta tendes os cidadãos, a massa do povo, tantos caracteres illustres? Respondei homens insipientes.

O poder moderador impassivel no meio da tormenta dorme, passa, diverte-se. O caso é que o valido esteja contente, que o Saldanha mate os campinos, embora o povo chore.

A cõrte emballa a rainha com o tractado da quadrupla-alliança, e ei-los ahi descaçados sobre a sua sorte futura.

Illusão e deshonra é essa esperanza! Illusão porque o tractado morreu apenas se

conseguiu o fim especialissimo para que se contractara; deshonra, porque a é, e grande, quererem que a rainha reine por graça dos alliados! Risquem então dos diplomas a frase—*rainha por graça de Deos e da constituição*—e substituam-lhe—*por graça dos alliados, e vontade dos estrangeiros!*

Não, não será assim. O governo pertence á maioria; esta é liberal, e ainda que exauthorada rejeitará auxilio estrangeiro, esmagará o despotismo de ambas as facções—miguelista e palaciana—e plantará a bandeira da rainha e carta nos castellos de todas as cidades, nas ameias de todas as muralhas, nos torreões de todas as aldeas.

Grave responsabilidade pésa sobre a corte se não atalha os males imminentes.

Não é só nomeado o Saldanha logar-tenente nas provincias do norte, nem o Shwalback e Salazar Moscozo commandantes das divisões militares do Aléntejo e Algarve que se salva o paiz. Estas nomeações tocam o ridiculo, e um governo deve ser sizado. Estes cavalheiros são bispos *in partibus infidelium*. Se forem aos seus bispados vem de lá sem orelhas,

A unica resolução proficua e que póde salvar o throno e as instituições é a demissão prompta do ministerio que deve entrar em processo pelos crimes que tem commetido

A rainha vê o estado do paiz—deve vê-lo. A resistencia popular é immensa, e este clamor geral não é obra das facções, é o sentimento verdadeiro do povo, é a expressão da sua vontade, a manifestação de grandes necessidades que devem ser satisfeitas.

Todos os systemas devem ser logicos, porque a logica é a verdade—é a geometria das idéas.

O rei constitucional é inviolavel, é irresponsavel. D'aquí parece deduzir-se que não deve vêr senão pelos olhos dos seus ministros responsaveis.

Admittimos a doutrina. S. M. a sr.^a D. Maria 2.^a já a admittiu. Quando sr. José da Silva Carvalho em 1844 foi levar á sua real presença a representação do supremo tribunal de justiça, a rainha constitu-

cional recusou-se a ouvir uma queixa contra os seus ministros sem vir por mão delles mesmos.

Na monarchia constitucional os ministros não é necessario que sejam empurrados; faltando-lhes a maioria parlamentar, elles demittem-se—o rei tem um thermometro seguro que o guie.

Mas esta doutrina pura foi agora menospresada! Com pesar nosso o dizemos. A proclamação de 6 d'Outubro começa por estas significativas palavras:

«Portuguezes! Os clamores que de toda a parte subiam quotidianamente ao meu throno, enchiam o meu coração da mais pungente dor: os desvelos e meditações de todos os meus instantes eram consagrados ao estabelecimento da prosperidade publica, tão violentamente abalada.»

Por onde subiram estes clamores ao throno da rainha? Não foi de certo por via dos seus conselheiros responsaveis. A via legal despresou-se, e ouviram-se os queixumes, as intrigas da camarilha.

Então não havia guerra civil, o canhão não despertava a attenção da rainha, e o seu coração cheio nessa época de uma dor pungente tolera agora impassivel uma administração cuja existencia fez levantar contra si um paiz inteiro como ainda não houve memoria?

Ou a proclamação é uma mentira, porque se diz nella que os olhos da rainha viam o que não podiam ver, o que não existia, ou agora devem ver os males que pesam sobre a patria. Se em 6 d'Outubro não viu pelos olhos dos seus ministros, se viu o contrario do que elles viam, não veja agora pelos destes, e collocada no cimo da montanha allumie com um raio de paz este povo afflicto.

Não ha representação nacional para que appellar, mas ha na falta della os proprios constituintes. A realeza não tem, não deve ter paixões; a realeza, na linguagem de Mirabeau, é a oblação de uma familia á tranquillidade publica: tudo deve ser livre no estado menos essa familia.

Para o rei ser irresponsavel é necessario que não faça o mal. A corte tem obrigado a rainha á destituir sempre violentamente

e contra os principios as administrações populares, e allega depois a observancia dos principios para fugir á responsabilidade. O contracto é sinallagmatico, e quem o rompe n'uma parte, quem rejeita as disposições onerosas, não pôde exigir o cumprimento das favoraveis. A realteza não pôde acceitar a herança a beneficio de inventario.

A logica, a humanidade, os precedentes pedem pois uma mudança de administração. É preciso haver um exemplo de que a prerogativa se exerce uma vez sequer a favor do povo, e de que nem sempre as revoluções populares teem de destruir as intrigas do palacio.

O povo respeita a rainha, respeita o throno, mas engana a rainha e é inimigo do throno quem conclue d'ahi que declarando-se a rainha em coacção, a sua corôa está segura. Illude-se S. M. se pensa que á sombra d'essa ficção pôde deixar impunemente fulminar o povo, e estabelecer o governo pessoal, Não deixe que abusem d'este sentimento de respeito, não castigue o timbre da lealdade, porque no momento da desesperação os seus servidores mais fieis não poderão reprimir o sentimento de indignação de um paiz inteiro tão atrozmente ludibriado.

A verdade é esta: ouça-a quem a quizer ouvir — interpretem os nossos sentimentos como lhes aprouver interpreta-los.



O *Diario* de hoje diz que lhe consta achar-se o barão do Casal proximo dos muros da cidade do Porto, e que o general tinha tomado todas as disposições para atacar a cidade.

No dia 8 achavam-se aquellas forças em Valongo, e ainda até ante-hontem se não tinham resolvido a dar o ataque.

As forças reunidas do Casal são mil e quatrocentos homens.

As linhas do Porto no dia 9 estavam fortes com 80 peças de artilheria e guarnecidas por sete mil homens, sendo entreestes mil e duzentos de linha.

Havia alli oitenta e tantos cavallos, e chegaram alguns de Coimbra no dia 10.

O *Nacional* de 8 diz o seguinte:

«O Porto além do seu liberalismo tem o seu amor proprio comprometido no triunfo do pronunciamento de 9 d'Outubro. Ninguem pôde dentro dos muros da cidade invicta conspirar im-

punemente. Nenhuma proposta será acceite ao renegado Abreu Casal senão a completa submissão delle e dos desgraçados sob o seu commando á junta provisoria do governo supremo do reino.

«Temos dentro dos muros do Porto força mais que sufficiente para derrotar a elle, ao Saldanha e mais camarilheiros de Lisboa. A nossa causa está ganha.»

Por conseguinte pôde estar descaçado o *Diario* que o assassino de Agrella ou não ousa atacar, ou vai receber uma severa lição.

O mesmo *Diario* de hoje conclue a sua parte noticiosa deste modo:

«Tambem recebemos noticias do Minho, que dão a villa de Caminha em obediencia ao legitimo governo de S. M., e que na Quarta feira da semana passada tivera logar um choque de uma guerrilha miguelista e uma força dos revoltosos que tinha sahido de Vianna, havendo bastantes mortos e feridos d'uma parte e d'outra.»

Esta noticia é um dos factos com que comprovamos a doutrina do nosso artigo de fundo. Nós os exauthorados morremos pela rainha, e o *Diario* canta os triunfos dos miguelistas! Até os dá como seus! As terras que acclamam D. Miguel estão em obediencia á rainha! Nós somos atacados pelas forças ministeriaes e pelas de D. Miguel combinadas! E comtudo havemos de resistir a ambas ou morrer gloriosamente.

Fenomeno singular! Exauthorados pela rainha somos maltratados pelos que lhe querem usurpar o throno, e aquelles a quem S. M. considera fazem causa commum com os inimigos d'ella!

Uma de duas, ou esses homens que acclamam D. Miguel são cabralistas, ou as forças de Casal são miguelistas. O que não tem duvida é que tozlos são absolutistas, e contra todos os absolutistas combatemos nós.



Temos presentes documentos authenticos e fegaes, que mostram por um lado a franqueza e se não traição, do brigadeiro José Maria de Sousa, e por outro a escandalosa intervenção do governo de hespanha, na entrega da praça de Valença no dia 3 de Dezembro, ás forças navaes do governo de Lisboa pertencentes aos navios de guerra fundeados em Vigo.

Destes documentos, que em tempo devido serão publicados, se evidencia — que tendo-se manifestado na provincia do Minho a revolta miguelista nos fins de Novembro, e tendo-se ella ateado até ás raias do concelho, e muros da praça de Valença, o seu governador, sem esperar a chegada dos soccorros que havia pedido para Vianna, e que de facto lhe foram mandados debaixo do commando do Monte Alverne, abriu a porta da Gaviarra, do lado de Tuy, ás referidas forças navaes do governo de Lisboa, sob o falso pretexto de não poder defender a

praça das guerrilhas miguelistas, e preferir entregar-lá ás tropas da rainha.

Mostra-se mais d'estes importantes documentos, que a guarnição e maruja dos navios de guerra do governo de Lisboa fundeados em Vigo, allí desembarcára, na força de 300 a 400 homens, e atravessára o territorio hespanhol até á cidade de Tuy, por onde fizeram sua entrada na praça de Valença; e que a esta negaram as autoridades do reino visinho todos e quaesquer socorros contra os revoltosos miguelistas, em quanto não reconhecesse o governo de Lisboa. Estes factos fallam por si, e não carecem de commentarios.



As notícias da cidade são — que antes de hontem chegára á capital em desgraçado estado a cavallaria da municipal que d'aqui sahira com o coronel Lapa, e hontem entraram dois parques de artilheria da que fôra com o exercito do Saldanha.

Não sabemos a causa d'esta retirada quando o logar-tenente prometteu avançar sempre. Diz-se que a deserção da sua tropa para o exercito popular continua, e que por isso é necessario obstar todo o contacto, e até aproximação.

As prisões hoje fervem.

Os populares em Setubal chamaram ás armas os cidadãos de 18 até 40 annos de idade: o governo de Lisboa gritou contra esta violencia quando elle chama os de 18 a 45, que vai apanhando a cordel. A espontaneidade consiste pois em 5 annos mais e nas algemas aos pulsos. Em pouco está ás vezes um grande melhoramento e a prova d'um governo nacional.

O ministerio tem chamado a si o dinheiro de todos os cofres dos orfãos e as pratas das igrejas d'aquellas povoações que estão sujeitas ao seu dominio. Diz-se que se vai fazer dinheiro na casa da moeda, e talvez seja destas pratas. Em troco dos bellos cruzados novos e cruzes das igrejas os orfãos e as confrarias receberão o floreado papel do banco de Portugal.



De uma folha do Porto transcrevemos o seguinte documento official. Em quanto o duque de Saldanha manda gritar de 15 em 15 dias no seu *Diario* — Lá vem mais um — lá se apresentou um soldado — as forças populares são engrossadas com centenaes dos seus camaradas.

Deve notar-se que a maior apresentação das forças ministeriaes ás forças populares tem sido desde o principio deste mez, em que começaram as operações do exercito liberal, desertando da força do coronel Lapa 22 soldados de cavallaria que se apresentaram ao conde do Bomfim. A relação é só dos reunidos até 30 de Novembro, e por isso hoje aquelle numero é muito mais elevado. Eis-ahi o documento:

Relação das praças reunidas ao exercito de operações desde 16 de Outubro até 30 de Novembro de 1846.

Coronel de cavallaria	1
Tenente coronel, dito	1
Major, dito	1
Ditos de infantaria	2
Capitães de artilheria	3
Ditos de cavallaria	2
Dito de caçadores	1
Ditos de infantaria	4
Dito da guarda municipal de Lisboa	1
Primeiro tenente do estado maior	1
Ditos de engenheiros	2
Ditos de artilheria	4
Dito de cavallaria	1
Ditos de caçadores	3
Ditos de infantaria	3
Ditos da 1. ^a secção do exercito	3
Dito da 3. ^a dita	1
Segundos tenentes de artilheria	4
Alferes de cavallaria	7
Ditos de caçadores	12
Ditos de infantaria	4
Ditos da guarda municipal de Lisboa	2
Ditos da 1. ^a secção do exercito	5
Ditos do ultramar	2
Dito alumno de cavallaria	1
Dito dito de infantaria	1
Cirurgião-mór de cavallaria	1
Dito de infantaria	1
Cirurgião-ajudante de caçadores	1
Picador da guarda municipal de Lisboa	1
Dito da 1. ^a secção do exercito	1
Aspirantes de marinha	4
Sargento d'artilheria	1
Dito do batalhão naval	1
Ditos de cavallaria	17
Ditos de caçadores	20
Ditos de infantaria	16
Dito de veteranos	1
Dito da guarda municipal de Lisboa	1
Dito do corpo de segurança publica de Santarém	1
Clarins de cavallaria	3
Corneteiro de caçadores	1
Coronheiro dito	1
Ferrador	1
Cabos, anspeçadas e soldados d'artilheria	8
Ditos do batalhão naval	5
Ditos de cavallaria	89
Ditos de caçadores	49
Ditos de infantaria	60
Cabos do corpo telegraphico	2
Ditos da guarda municipal de Lisboa	17
<hr/>	
Differentes funcionarios	376
<hr/>	
	6
<hr/>	
	382